

“Dar em Vaza-Barris” – uma antiga locução portuguesa

FRANCISCO JOSÉ ALVES

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFS

Sergipe teria, conforme João Ribeiro (1860-1934), contribuído no enriquecimento da fraseologia portuguesa; conjunto de frases-feitas ou locuções próprias de nosso idioma; expressões que manifestam a cultura de nosso povo, testemunham nossa civilização. A contribuição sergipana, ainda segundo o estudioso, remete a um passo da nossa Geografia. Estou aludindo a um dos rios, mais precisamente ao Vaza-Barris, nome português dado ao Ibirapitanga nos começos da ocupação do território.

A colaboração sergipense à fraseologia lusitana é a expressão “dar em Vaza-Barris” ou ainda “dar com tudo em Vaza-barris”, significando “arruinar-se, dar em nada, dissipar ou perder a fortuna”.

A locução aziaga reclama explicação histórica.

A barra do Vaza-Barris foi, ao longo dos séculos, o tormento dos navegantes que cruzavam tais plagas. Seus arrecifes causavam muitos naufrágios. Um deles vitimou o sertanista baiano Gabriel Soares de Souza (1540-1591), insigne autor do **Tratado Descritivo do Brasil**, datado de 1587. Nos idos de 1591, o senhor de engenhos, ao retornar de Espanha, naufraga nos “arrecifes” do Vaza-Barris e termina a viagem a pé para a Bahia, salvo de ser comido pelos índios. Um testemunho da época, o Frei Vicente do Salvador, conta, em detalhes, o lastimável acidente.

Cerca de três séculos depois de Gabriel Soares, a foz do Vaza-Barris continua sendo o terror dos navegantes que por aqui passavam. É o caso, por exemplo, do francês Louis-François Tollenare (1780-1853), comerciante de Nantes que visitou a Bahia e Pernambuco em 1817. Para a tristeza

dos historiadores sergipanos atuais, Tollenare não nos visitou. Assim sendo, não figuramos nas suas minuciosas **Notas Dominicais**. Todavia, o empresário francês nos informa sobre o temor que inspirava a barra do Vaza-Barris aos navegantes da época. Viajando de Recife para Salvador o autor anota: seguimos caminho “de modo a evitar as perigosas voragens do Vaza-Barris”.

João Ribeiro e Luís da Câmara Cascudo arrolaram **menções** à locução em escritores lusitanos dos séculos 18 e 19. Assim, “dar em Vaza-barris” figura na obra do poeta irreverente Manuel Maria Barbosa do Bocage (1765-1805), publicada entre 1791 e 1842, em seis volumes.

Ainda no século 18, temos o uso da expressão no poema heróico-cômico **Benteida** (1752) do poeta Alexandre Antônio de Lima (? - ?). A obra documenta: “... Pondo no encher-me tanto estudo / Dei em Vaza-barris com popa e tudo.” E, noutro passo: “Pondo em tanta vasilha a intensidade / Deu em Vaza-barris com a divindade”. João Ribeiro nos assegura “que pelos começos do século 18 era proverbial entre portugueses” a locução oriunda de Sergipe. Portanto, a locução seria, segundo J. Ribeiro, uma contribuição sergipense à língua de Luís de Camões (1525-1580).

Apesar da autoridade do mestre João Ribeiro, sou tentado a discordar dele no que tange à suposta origem sergipana da antiga locução. Creio que “Vaza-Barris” e “dar em Vaza-Barris” são noções lusitanas que já existiam na língua antes da chegada dos portugueses ao rio sergipano no século 16. Desse modo, o rio Irapiranga dos índios foi batizado

com um termo já existente na língua lusitana. Neste sentido, o Houaiss é esclarecedor ao dar o significado do vocábulo: “litoral que apresenta muitos recifes, ocasionando grandes riscos de naufrágios” (p. 2834). O Irapiranga, pelas suas características, era um caso de Vaza-Barris. E foi assim batizado.

Já em 1823, “dar em Vaza-barris” figura, pela primeira vez, num dicionário da língua portuguesa. O responsável pelo registro é Antônio de Moraes Silva (1755-1824) na terceira edição do seu **Dicionário da língua portuguesa**. A averbação no Moraes é fato digno de nota pois manifesta a oficialização da frase. Ela ganha lugar na língua institucionalizada. O dicionarista legitima o uso do povo e dos literatos. “Dar em Vaza-barris” entra, definitivamente, na língua portuguesa.

Ainda no século 19, a expressão comparece na obra **Colóquios Aldeões** (1850), do literato Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875). Cascudo transcreve o trecho abonador: “... e damos, com uma alma cristã, em Vaza-barris”. O uso da locução na pena de Castilho é mais um atestado da consolidação no âmbito da língua portuguesa. “Dar em Vaza-barris”, aqui como noutros casos, tornou-se sinônimo de perder-se, malograr, sofrer desastre.

Três anos após a menção de Castilho (1853), a locução e o substantivo figuram no dicionário de Eduardo Faria. Conforme o lexicólogo, Vaza-barris é “lugar da costa mui sujeito a naufrágios”.

Na condição de locução ligada a Sergipe sugiro repô-la em circulação. Desta forma, por exemplo, torçamos todos para que o partido que prometeu, no poder, mudar a face de Sergipe, não “dé em Vaza-Barris”.

NOTAS:

RIBEIRO, João. **Vaza-barris. A língua nacional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 133-134; CASCUDO, Luis da Câmara. **Deu em Vaza-barris. Locuções tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2004. p. 313-314.

WEISZFLOG, Walter (editor). **Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. p. 2181.

SALVADOR, Vicente do. **Da jornada que Gabriel Soares fazia às minas do sertão que a morte lhe atalhou. História do Brasil**. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. p. 262-264.

TOLLENARE, L F. **Notas dominicais**. Trad. de Alfredo de Carvalho. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1978. p. 208.

RIBEIRO, João. **Vaza-barris. A língua nacional**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 133-134.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Lisboa: Lacerdina, 1823. v. 1. p. 7.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Deu em Vaza-barris. Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. p. 313-314.

FARIA, Eduardo. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Typ. Universal, 1853. v. 4. p. 194.

JORNAL DA CIDADE

ARACAJU, DOMINGO 12 E SEGUNDA 13 DE AGOSTO DE 2007